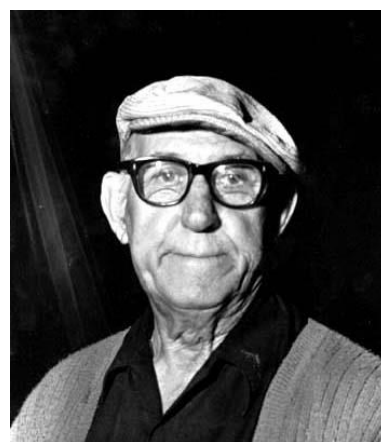


RODOLPHO COPRIVA, UM FOTO-DOCUMENTARISTA DO INTERIOR PAULISTA

Marcelo Eduardo Leite *

A primeira lembrança que tenho com relação a **Rodolpho Copriva** é bem peculiar, vem da década de 1970 e se refere a sua performance nos jogos de futebol realizados na cidade de Rio Claro - interior de São Paulo. Refiro-me, especificamente, à sua atuação como fotógrafo nos jogos do glorioso Velo Clube rioclarense. Sua presença sempre foi imprescindível nas partidas dessa agremiação. Recordo-me que, ao início dos jogos, num ritual



Rodolfo Copriva

festivo, que incluía uma longa queima de fogos, a equipe corria para o centro do campo e se posicionava para ser fotografada. Nesse instante, significativo para todos, víamos um senhor franzino, vestindo sua inconfundível boina, correndo atrás dos jogadores para fazer a foto oficial. Ele não caminhava só, estavam ao lado dele outros profissionais, mas era, definitivamente, ele quem chamava a nossa atenção. No outro dia, a referida imagem já estava à disposição dos torcedores na vitrine do seu ateliê. Mas, de tantas lembranças que tenho dele nos jogos, o que mais marcou minha memória foi como a torcida reagia nesse instante, aclamando-o como um personagem querido por todos. Era realmente emocionante ver o estádio se voltando a ele e, aos gritos, ovacionando essa figura folclórica, numa homenagem bem-humorada. Todos gritavam: "Copriva, Copriva, Copriva...".

Outra lembrança que guardo diz respeito a seu ateliê no centro da cidade; sempre que passava em frente a seu estúdio, locado nas proximidades do trabalho do meu pai, eu dava uma entrada para observar a vitrine. Por mais vezes que eu fizesse isso, uma fotografia sempre me chamava a atenção. Exposta permanentemente, ela mostrava uma mula literalmente dentro de um

* Fotógrafo, mestre em Sociologia pela UNESP e doutorando em Multimeios (Unicamp).

carro **DKV**. Era um acidente automobilístico com um resultado estético fantástico, fotografado pelo senhor Copriva. Não foi por acaso que essa imagem se tornou *cult* na cidade, sendo que até hoje são vendidas cópias oriundas de reproduções. Aproveito para confessar que durante décadas carreguei uma questão: como o animal foi parar dentro do veículo?¹



... uma mula dentro de um carro DKV

Refletindo na retina dos meus olhos infantis, Copriva era, então, o senhor que eu via no estádio quase todos os domingos e, também, o fotógrafo que retratou uma mula dentro de um automóvel.

O fato é que ele, numa análise mais distanciada, é um exemplo de fotógrafo que sempre existiu e ainda existe mundo afora. Um tipo de fotógrafo que faz uma documentação muito próxima dos acontecimentos, conhecendo pessoalmente as partes envolvidas, sendo um componente fundamental nos mais variados fatos. É curioso pensar que esse tipo de fotógrafo, ao se ausentar de um acontecimento, é, no outro dia, cobrado pessoalmente por não ter estado onde ocorreu algo tido como relevante. No caso específico de Rio Claro ele é, ao lado de Knudsen e Matsushita - outros dois exímios fotógrafos que atuaram na cidade -, responsável por uma documentação profunda, dos mais variados fatos da sociedade local. Suas imagens privilegiaram os mais variados fenômenos sociais, abordando temas variados e são uma grande contribuição para se entender essa localidade. Conhecendo seu trabalho e sendo testemunha da sua passagem, fica fácil entender o que o professor Boris Kossoy quer dizer quando afirma ser o fotógrafo uma ligação entre a sociedade e seu artefato final, mediando os fenômenos e fazendo deles um documento². Copriva fez cotidianamente essa ligação, e no seu processo de trabalho se revelou uma

¹ Apenas agora fiquei sabendo que essa imagem foi feita na região metropolitana de São Paulo, quando Copriva viajava para Santos, que o animal foi sacrificado pouco depois e que o motorista nada sofreu. Uma dúvida ainda me acompanha: como a mula foi parar dentro do veículo?

² Boris Kossoy. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo : Ateliê Editorial, 1999, pp. 25-28.

pessoa atenta aos mais variados fenômenos, desnudando para nós um irrepreensível perfil de foto-documentarista.

Tentando entender seu percurso descobri que, no início de sua carreira, Copriva fez trabalhos jornalísticos para o **Jornal Cidade de Rio Claro**, principalmente no final da década de 1940. Curiosamente, isso se deu exatamente quando seu ateliê funcionava clandestinamente, já que a prefeitura havia-lhe negado o alvará de funcionamento. Segundo consta, isso o obrigou a buscar outros tipos de trabalho, ocorrência que, somada ao fato de ele ser o único profissional da cidade a possuir um equipamento compacto e fácil de encarar saídas fotográficas, o fez ser o fotógrafo mais polivalente da cidade. Com o passar do tempo, ele foi-se especializando em vários tipos de fotografia. Era aquele que estava, literalmente, disponível para todo tipo de serviço. No início da década de 1950 seu ateliê sai da clandestinidade e ele se especializa em outros serviços. Além de continuar retratando os mais variados fatos sociais, documentou muitos locais, tais como edifícios, praças, ruas e largos. Trabalhos que deram origem a uma série de postais por ele arquitetados³, ampliados artesanalmente em preto e branco e vendidos no seu estúdio, onde, também, eram feitos retratos individuais, duplas e grupos. Uma das séries mais interessantes que observei em minha pesquisa são os casais de noivos. Nessas fotos podemos observar uma clientela extremamente heterogênea. Retratos esses que, na maioria das vezes, eram tirados em seu ateliê, usando elementos cênicos padronizados, tais como painel de fundo e vasos de flores. Caso o freguês não pudesse vir a Rio Claro, ele viajava para retratá-lo nas cidades da região, como, por exemplo, Santa Gertrudes, Cordeirópolis, Analândia, Charqueada, Ipeúna, Corumbataí e Itirapina. Nestes casos, os retratos eram feitos na casa da pessoa.



retratos feitos na casa da
pessoa

³ Copriva fez um total de 68 postais da cidade; destes, 66 foram postos à venda.

Nessas idas, como me relatou seu filho Roberto⁴, que sempre o acompanhava, ele levava duas malas lotadas de equipamentos de iluminação que, para suportar o balanço das estradas de terra, eram acomodadas em chumaços de serpentina carnavalesca. Um dos detalhes mais interessantes dessas imagens são as anotações feitas no verso das provas que ele apresentava. Nelas, pode-se ver, por exemplo, as correções que seriam executadas a pedido do retratado, a quantidade encomendada, bem como o dia da entrega do trabalho. As intervenções mais pedidas dizem respeito ao volume dos cabelos, dos bigodes e de eventuais brilhos a serem atenuados em alguns pontos da face do retratado. Assim, num processo pós-fotográfico artesanal, ele interferia no negativo, fazendo as cópias ao gosto do freguês, que levava, em geral, uma dúzia de cada.

Mas, ao se falar em foto-documentação, o que mais nos chama a atenção são alguns registros de acontecimentos marcantes da vida local, inaugurações, visitas de políticos, obras públicas e privadas etc. Nada escapou de sua objetiva. Dentre o vasto material deixado, existem alguns itens que merecem uma menção especial, um deles é a incrível série que é conhecida pelos locais como a Dança do Lenço. Feita na noite de 13 de maio de 1952, quando Copriva, com sua *Zeiss Ykon* para filmes 6 x 9 (com opção para 6 x 4,5) em punho e munido do seu flash, foi até um local da periferia da cidade para verificar a informação de que ali estava havendo algo de "estranho". Mas, ao chegar, notou que o que ocorria na verdade era uma festa organizada pela comunidade negra. Copriva, segundo consta, havia se deslocado na expectativa de encontrar um acontecimento policial, já que ele também trabalhava para a polícia local e estava sempre junto às batidas efetuadas, acompanhando todos os tipos de casos. Ao deparar com esse acontecimento, numa clara demonstração de sensibilidade para com os fenômenos sociais, ele documentou - seja qual tenha sido a motivação - um evento de importância e valor incalculável. Tais imagens são hoje uma pérola para a história social da cidade, sendo, inclusive, uma referência para a comunidade negra local. Elas servem, também, para vermos como ele, nos termos de Vilém Flusser, teve o espírito de um caçador que avança sobre a

⁴ Sou muito grato ao também fotógrafo Roberto Copriva, filho de Rodolpho. Primeiramente pelas informações a nós fornecidas e, em segundo lugar, por sua luta pela preservação da memória de seu pai.

"floresta densa da cultura", se aproximando de seu objeto e fazendo seu registro⁵. Observando com atenção a seqüência das imagens, vemos seu processo de captação do fenômeno, documentando detalhes da dança, seus participantes e registrando a expressividade do acontecimento. Este trabalho é marcante e creio ser até desnecessário me alongar na sua descrição, restando o convite a uma observação atenta das raras imagens aqui apresentadas.

Outro trabalho muito interessante que encontrei é a documentação da transposição da ossada do Pae Benedito, um benzedeiro muito respeitado na cidade e que teve seus restos mortais transferidos para uma capela especialmente construída em sua memória no cemitério São João Batista. Nestas fotografias, vemos um detalhe muito significativo que é a numeração da série fotográfica; Copriva marcou a seqüência, provavelmente usando uma máscara sobre o papel fotográfico e escrevendo Pae Benedito 1958 e um número de série, estabelecendo a sua narrativa do acontecimento.

A contribuição de Copriva para a história de Rio Claro é incalculável e suas imagens ainda devem ser analisadas de forma mais apurada pelos estudiosos⁶.

A última vez que o vi foi no final da década de 1980, quando ele estava vendendo seus equipamentos de laboratório e máquinas fotográficas. Fui até sua residência e verifiquei ampliadores e fotômetros... Na ocasião, pude perceber que a idade já o abatia, acabei não comprando nada, mas ganhei um último contato com ele. Finalmente, ele parou de trabalhar em 1992, aos 83 anos, vindo a falecer pouco depois. Especificamente às 23h15 do dia 12 de junho de 1993, um sábado, quando estava com 84 anos. Ele se foi, mas seu nome se generalizou, transformando-se num termo que designa a profissão de fotógrafo, sendo comum que alguém, com equipamento em punho, seja carinhosamente chamado de Copriva.

⁵ Vilém Flusser. *Filosofia da Caixa Preta*. São Paulo : Hucitec, 1985, p. 35.

⁶ As imagens aqui apresentadas estão aos cuidados do Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga. Recentemente, o Arquivo Público Municipal de Rio Claro comprou da família Copriva milhares de imagens que ainda estavam guardadas; esse material ainda espera por processos de limpeza, catalogação e armazenamento, e será de grande valia para futuros estudos.

Num desses acontecimentos que o destino nos reserva, que nos faz reordenar pedaços desencontrados da vida, acomodando melhor os fragmentos do passado e organizando imagens depositadas na memória, eu e ele nos reencontramos. É que ao ser contratado pela prefeitura local para executar um trabalho de reorganização da coleção fotográfica do Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga, acabei deparando novamente com o trabalho desse magnífico profissional e, assim, brotou a necessidade de escrever sobre ele, dividindo esta história local, mas que tem um brilho universal. Espero que meu ato ilumine um pouco mais o trabalho de Rodolpho Copriva e reflita, ainda, nos milhares de fotógrafos que estiveram e ainda estão espalhados nas mais variadas localidades do interior do Brasil. Indivíduos que, dentro e fora de seus ateliês, produziram e produzem um material que se mostra fecundo para as mais variadas aproximações para com a sociedade e que permitem um contato direto para com nosso passado recente, sendo um manancial rico e que deve ser preservado, respeitado e reconhecido como testemunho fundamental da vida social do país.

Galerias

Postais



Retratros



Casais de noivos





Anotações



$\frac{1}{2}$ dz 18x24
Para o dia 23. 10. 954
encher mais um pouco o
cabelo do noivo
23. 10. 54

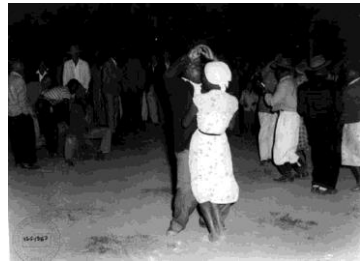


~~70~~ 70 18x24
Reforçar o bigode
Tirar brilho do
costo

Vida local



Dança do lenço



Transposição da ossada de Pae Benedito



Bibliografia

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo : Ateliê Editorial, 1999.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo : Hucitec, 1985.